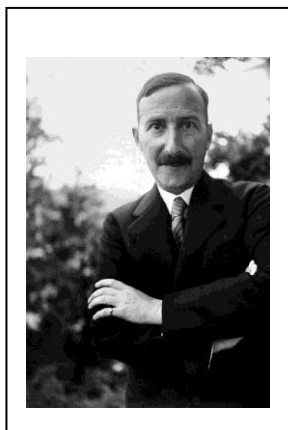


## [Amok] [Stefan Zweig]

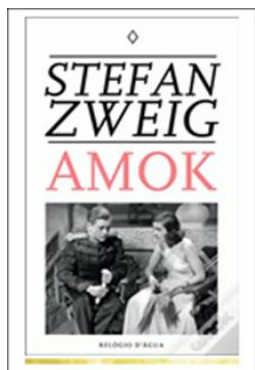


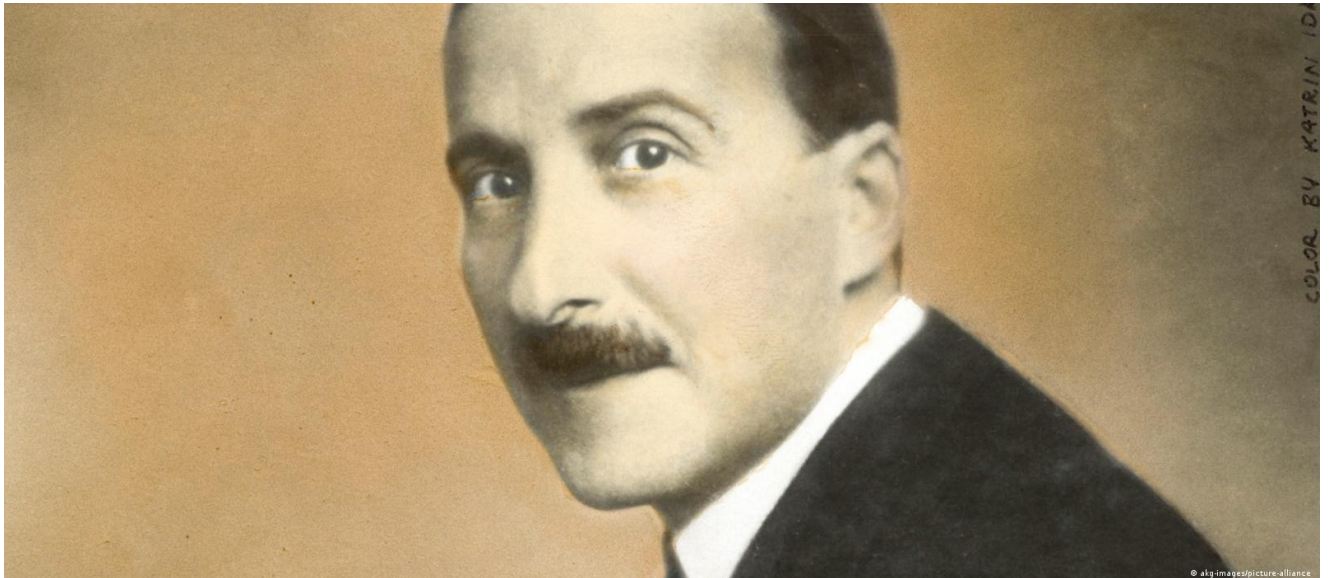
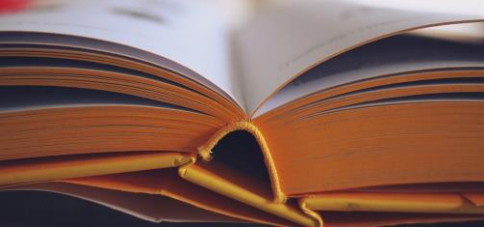
### [Stefan Zweig] Biografia:

Stefan Zweig nasceu em Viena em 1881, o mesmo ano em que nasceram Picasso e Béla Bartók. Era filho de um industrial e estudou História, Literatura e Filosofia. O seu sucesso literário foi precoce, abrindo-lhe as portas da vida intelectual do seu tempo. Aos 17 anos escreve já em revistas modernistas e participa no movimento Jovem Viena. Uma recolha de textos seus, *O Amor de Erika Ewald*, surge em 1904. Foi amigo e cultivou relações com Hermann Hesse, Thomas Mann, Arthur Schnitzler, Gorki e James Joyce. Na sua casa de Salzburgo recebeu compositores como Richard Strauss e Alban Berg. A sua correspondência com Freud, Rilke, Hofmannsthal, Rodin e Romain Rolland prolongou-se por muitos anos. Influenciado pela estética vienense, capaz de compreender a inquietante estranheza da psicologia humana, Stefan Zweig explorou nas suas obras os dramas da paixão e a fragilidade dos sentimentos amorosos. O ascenso do nazismo na Alemanha, a subida de Hitler ao poder em 1933 e a destruição das suas obras em Munique puseram fim a uma época agitada, mas para ele feliz. Zweig é forçado a partir para a Grã-Bretanha, de onde viaja para o Brasil em 1936 e depois para Nova Iorque, tendo visitado Portugal em 1938. A 10 de Setembro de 1939 escreve a Romain Rolland: «Não vejo qualquer saída para este terrível lamaçal.» Regressa ao Brasil em 1940. Em 1942 suicida-se com a mulher, Lotte, em Petrópolis, não longe do Rio de Janeiro. Stefan Zweig praticou os mais diversos géneros literários, do romance ao teatro. Mas acabaria por se distinguir pelas novelas que escreveu (*Amok*, *Carta de Uma Desconhecida*, *Uma História de Xadrez*, *Confusão de Sentimentos*, *Segredo Ardente*, *Vinte e Quatro Horas da Vida de Uma Mulher* e *A Mulher e a Paisagem*), o ensaio (*A Marcha do Tempo*, *Brasil: País de Futuro* e *Os Construtores do Mundo*) e a biografia (*Joseph Fouché*, *Maria Antonieta*, *Fernão de Magalhães*, *Triunfo e Infortúnio de Erasmo de Roterdão* e *Maria Stuart*). Em todos os géneros procurou detectar as forças do irracional no coração da natureza humana. Nunca elaborou, contudo, um sistema ensaístico próprio. Entregou-se mesmo a uma certa dispersão em que de comum existe apenas a melancolia e uma lúcida visão humanista. As suas memórias, *O Mundo Que Eu Vi*, de 1942, terminam com uma frase significativa: «Mas toda a sombra é, em última análise, filha da luz. E só quem conheceu a claridade e as trevas, a guerra e a paz, a ascensão e a descida, viveu de facto.»

### Sinopse de [Amok]

*Amok*, o título desta novela, é retirado da cultura indonésia e significa «lançar-se furiosamente na batalha». O narrador conta a sua viagem de Calcutá para a Europa a bordo do Oceania. Num passeio nocturno na coberta do navio, encontra um médico preocupado e assustado e que evita qualquer contacto social. Este vai contar-lhe o que o levou a uma relação obsessiva por uma mulher, um sentimento que o colocou em estado de amok.



**LITERATURA [BRASIL](#)**

## **A morte de Stefan Zweig, para quem Brasil era país do futuro**

[Edison Veiga](#) 23/02/202223 de fevereiro de 2022

Intelectual austríaco foi interlocutor de personalidades como Einstein e Freud. Depois de vislumbrar uma utopia brasileira, Zweig suicidou-se com a esposa em Petrópolis, em fevereiro de 1942, desiludido com a humanidade.

Na noite de 22 de fevereiro de 1942, Stefan Zweig escreveu uma pequena carta, na qual elogiava o Brasil e lamentava o cenário de destruição vivido pela Europa – "que se auto-aniquila", em suas palavras –, em plena Segunda Guerra Mundial. Também redigiu outras 22 cartas, que deveriam ser remetidas a parentes e amigos próximos.

Então, junto com a esposa, Lotte, tomou uma overdose de barbitúricos. No dia seguinte, ambos foram encontrados mortos em sua casa em Petrópolis. O escritor austríaco de origem judaica tinha 60 anos e era uma celebridade internacional: um dos maiores best-sellers do período entre-guerras.

Seis meses antes do suicídio, Zweig havia lançado o livro *Brasil, país do futuro*, obra controversa em que afirma seu amor pela terra que o acolheu – e acabaria rendendo um verdadeiro epíteto para a própria nação.

Especialistas em sua vida e obra ouvidos pela DW Brasil contextualizam a ligação de Zweig com o Brasil, antes mesmo da mudança para o país – e essa admiração pelo país explica por que ele escolheu Petrópolis para seu



autoexílio, além de ter motivado o tema daquele livro que é considerado sua obra máxima.

Diretora da Casa Stefan Zweig (CSZ), instituição cultural e memorialística que funciona na mesma casa onde Zweig morou com a mulher, em Petrópolis, a jornalista e tradutora Kristina Michahelles ressalta que o encantamento do escritor pelo país nasceu em sua primeira passagem pelo Brasil, em agosto de 1936: "Zweig se encantou com o país no qual projetou sua utopia de uma sociedade que poderia viver em paz e harmonia, em contraposição ao que ocorria em sua Europa amada."

### **Bagagem internacional de um cosmopolita**

Inveterado viajante, o escritor já havia rodado o mundo. Conhecia locais tão distantes de sua Viena natal como a Índia, Cuba e os Estados Unidos. Com o avanço do nazismo em sua terra natal, acabou se vendo forçado a um exílio.

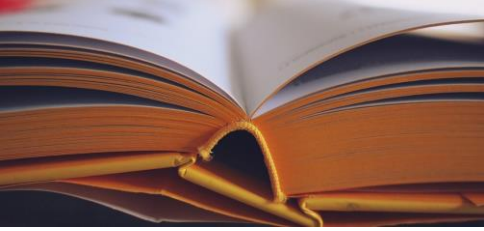
Buscou primeiro a Inglaterra. Depois, temendo uma aproximação das tropas hitleristas, mudou-se para os Estados Unidos. Foi quando decidiu visitar novamente ao Brasil. "Passou cinco meses viajando [pelo país] para recolher material sobre o que chamou de o seu 'livro brasileiro'", conta Michahelles.

Em 1941, mudou-se para Petrópolis com a esposa, que antes havia sido sua secretária, Charlotte Altmann, conhecida como Lotte. "Há algumas suposições por que Zweig resolveu residir no Brasil, em vez de permanecer nos Estados Unidos, o país sonhado pela grande maioria dos intelectuais refugiados [na época]", comenta a especialista.

"Em primeiro lugar, ele adorara o Brasil e sempre desprezara o *american way of life* e aquilo que chamou de a "*prosperity*" americana. Depois [...], nos Estados Unidos já reinavam Thomas Mann e outros grandes expoentes da literatura alemã. E a primeira mulher de Zweig, Friderike, estava exilada lá. É de se supor que Lotte não gostaria de ficar à sombra da rival", enumera Michahelles.

Autor de *Morte no paraíso, a tragédia de Stefan Zweig* e *Stefan Zweig: No país do futuro*, o jornalista Alberto Dines (1932-2018) dizia que o austríaco havia se encantado com o Brasil por várias razões, principalmente pela convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes origens e etnias. "Também teria influenciado na escolha do escritor o fato de o Brasil estar muito longe da Europa, do nazismo e do grande conflito mundial", completa o historiador Fábio Koifman, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).





Stefan Zweig e Lotte Altmann em foto de 1938 *Foto: picture-alliance/akg-images*

### **A primeira visita: semente do pacifismo**

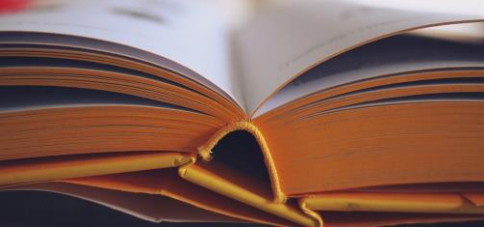
Mas o pontapé inicial dessa relação apaixonada do escritor com o Brasil teria sido sua primeira vinda ao país, em 1936. Deveria ser uma viagem à Argentina, mas ele acabou aceitando um convite para participar de um congresso em terras brasileiras. A recepção não poderia ter sido mais calorosa.

"Seus livros eram muito conhecidos aqui e foram organizadas inúmeras homenagens. Tal recepção o deixou muito impressionado", diz a historiadora Carol Colffield, pesquisadora na Universidade de São Paulo (USP).

Stefan Zweig criou a frase "Brasil, um país do futuro"

O então ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, ofereceu-lhe um banquete. O próprio presidente Getúlio Vargas o recebeu para uma audiência privada. E a entrevista coletiva dada por ele reuniu tantos jornalistas que foi preciso reacomodá-los de última hora. "Ele chegou a fazer uma transmissão para [o programa radiofônico oficial] *A Voz do Brasil*", acrescenta a historiadora. "Foi dessa viagem que saiu o projeto de fazer um livro sobre o Brasil."

Professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o historiador Vinícius Liebel salienta que a relação entre o escritor e país vai se desenvolvendo de tal forma que, mesmo que Zweig nunca deixe "sua vida de



peregrino", "vivendo períodos em hotéis, visitando cidades para divulgar sua obra e ideias", tudo caminha para que seu refúgio final fosse em terras brasileiras – no caso, Petrópolis.

Nas palavras do historiador, é como se a cidade da região serrana do Rio se tornasse o paraíso "que se projetava rumo a um tempo que ainda não existia, mas que se contrapunha a seu próprio tempo". "Um retiro perfeito para um esgotado cidadão do mundo de ontem", conta Liebel.

Tudo a ver com o escritor que, em sua obra, pintou entusiasmadamente o Brasil como "o país do futuro": que fosse nessas terras o seu último futuro enquanto ser humano.

### **Decepção com a humanidade**

O Brasil foi uma escolha consciente de Zweig, alguém que tinha trânsito fácil entre intelectuais de todo o mundo.

"Ele era um homem extremamente bem conectado, parecia conhecer todo mundo", salienta Colfield. "Foi amigo de Pirandello [dramaturgo italiano], Rodin [escultor francês], Einstein [cientista alemão], de Freud [neurologista austríaco, o criador da psicanálise]..."

Especialistas acreditam que ele via no Brasil uma possibilidade de vida sem as perseguições das quais, por ser judeu, ele era vítima em solo europeu. Nas palavras da letróloga Mariana Holms, pesquisadora na USP e integrante do Grupo de Estudo Stefan Zweig, "a utopia prevaleceu" na imagem do Brasil que "ele formou para si".

"Zweig agarrou-se ao contraste elementar entre tolerância e intolerância, ao ver comunidades diversas coexistindo nos cenários brasileiros que visitou, enquanto na Alemanha, Áustria e nos demais países ocupados por Hitler, pessoas pertencentes a grupos e comunidades diferentes do padrão estabelecido pela ideologia nazista eram perseguidas, deportadas e aniquiladas."

"A coexistência com aparência de harmonia foi tomada como um oásis e uma promessa de futuro para a civilização decaída. O presente de preconceitos e de violenta desigualdade, herdada da era colonial brasileira, foi ofuscado e também relativizado no livro [*Brasil, país do futuro*]", analisa a pesquisadora.

Se essa ideia de Brasil tolerante teria motivado sua migração derradeira, é lícito entender que possa ter sido a decepção com esse próprio imaginário o que motivou seu suicídio. Para o biógrafo Alberto Dines, o maior motivador concreto dessa morte teriam sido as notícias dos primeiros afundamentos de navios mercantes brasileiros na costa do país, no contexto da Segunda



Guerra. "A percepção do escritor seria de que a guerra da qual ele fugiu estaria chegando próxima", explica Koifman.

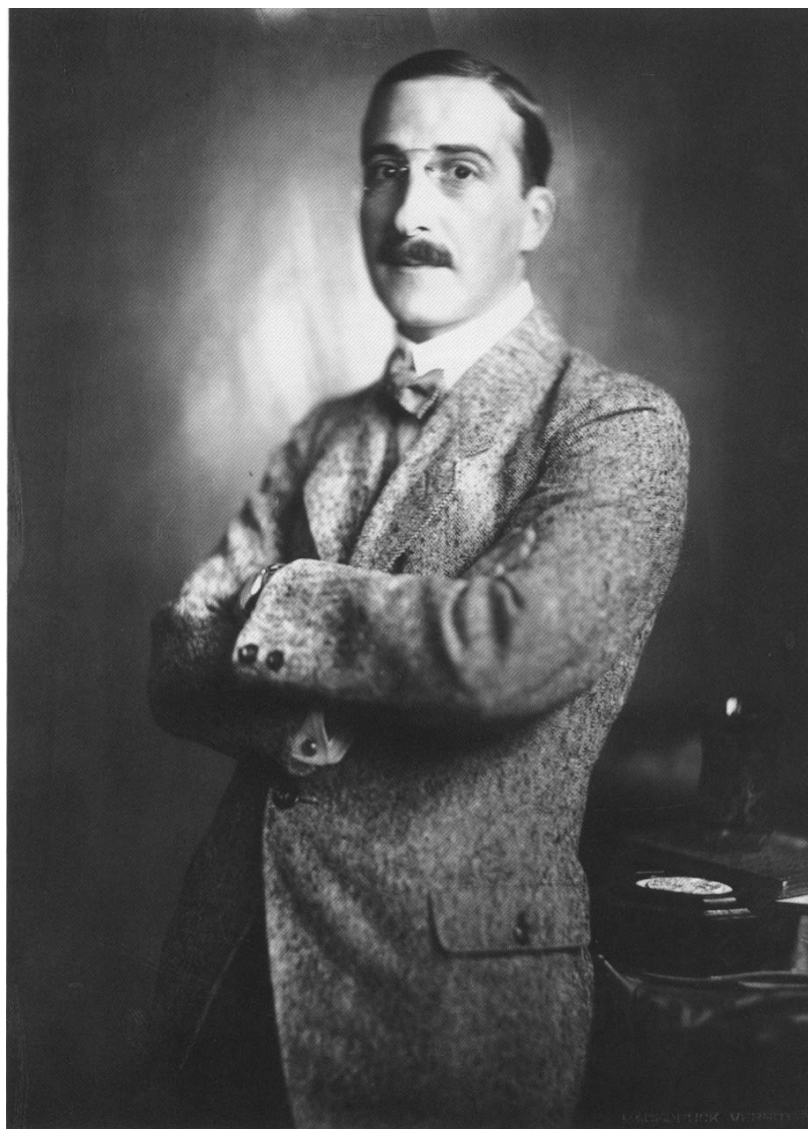
Colfield lembra que a mensagem da carta de suicídio demonstra uma grande "falta de esperança em relação ao mundo": "Ele era um pacifista. Chegou a comentar que, naquela guerra, era impossível ser contra a guerra. Parecia uma solução sem saída."



*Ancelmo.com*

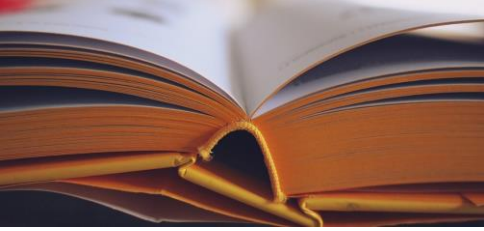
O blog do Ancelmo Gois – O Globo 15/10/2022

## **Stefan Zweig, que morreu há 80 anos, estaria amargurado com o Brasil de hoje**



*Stefan Zweig, que morreu há 80 anos, estaria amargurado com o Brasil de hoje (foto: Reprodução)*





"'Brasil, um país do futuro', o livro do grande escritor austríaco que se suicidou há 80 anos em Petrópolis, Stefan Zweig, deu à nossa terra um discutível sobrenome: país do futuro.

Refugiado do nazismo, escolheu o Brasil para viver seus últimos meses e teve seu livro massacrado por certa crítica da imprensa, que o acusou de 'vender' a obra em troca de um visto permanente concedido pelo governo Vargas.

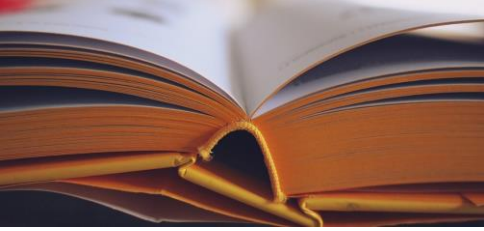
Em contraposição aos choques violentos e ao racismo que escalavam na Europa, ficou encantado — com certa ingenuidade, é claro — com o convívio pacífico que aqui encontrou entre as pessoas, mas não deixou de destacar as gritantes desigualdades sociais. Autor de tantos contos e romances sobre a mulher e um sobre a homossexualidade, veria com bons olhos o crescimento dos debates e das políticas sobre esses temas em nosso país.

Pacifista e ardente humanista ao longo de duas guerras mundiais, Zweig certamente estaria amargurado com o clima de radicalização que domina nosso cenário político, que o faria temer a volta dos fantasmas do passado.

Em 1936, em sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, pronunciou na Escola Nacional de Música, uma palestra célebre, que intitulou "A unidade espiritual do mundo", clamando pela superação das diferenças étnicas, religiosas e culturais. Quixotismo? Talvez, mas um belo destino pelo qual vale a pena lutar".

*Israel Beloch, historiador e presidente da Casa Stefan Zweig*





## Stefan Zweig, o europeu de coração

*"Le Monde" dedica um número especial ao escritor austríaco, um intelectual no sentido mais forte, que foi um dos pensadores e uma das encarnações do ideal europeu.*

Por [Pierre Deshusses \(Colaborador do "Mundo dos Livros"\)](#)

Publicado em 06 de outubro de 2022 **Le Monde**

**Questão especial.** Numa altura em que é comum bater-se contra a Europa, instituição certamente imperfeita e modificável, é bom recordar que foi primeiro uma ideia ousada de alguns homens após a Primeira Guerra Mundial que alterou profundamente os equilíbrios da mundo, dando o golpe mortal na monarquia austro-húngara e permitindo que o populismo nazista subisse ao poder. Esses poucos homens não eram políticos, mas intelectuais, quando esta palavra ainda tinha um significado: herdeiros de Kant, capazes de usar sua razão e colocar sua inteligência a serviço de uma causa independente, contrária aos partidos e idolatrias. Stefan Zweig foi um deles.

No início, havia pacifismo. Não uma ideia branda e pasteurizada, mas um grito sufocado contra uma guerra que, pela primeira vez na história, causou milhões de mortes em poucos anos. A Grande Guerra, a guerra suja. Basta olhar para os memoriais de guerra e ler a lista de nomes gravada em pedra para perceber a hemorragia que causou na população.

### **Gloriosa Minoria**

Ao lado de pessoas vingativas de todas as convicções, havia essa minoria pensante, gloriosa, frágil, tenaz. Uma minoria representada sobretudo por um austríaco humanista que não lamentou a perda de um império, uma minoria admiravelmente descrita por Jules Romains em uma conferência de 1939 em Paris: *"Stefan Zweig pertence a uma espécie que talvez não venha a desaparecer - pelo menos, espero - mas que está seriamente ameaçada pelas condições atuais, e que só se perpetua através de todo tipo de dificuldades: as dos grandes europeus.* » Referir-se hoje a Stefan Zweig é referir-se a uma ética admirada, mas também escarnecida, empurrada. Cru. O que poderia ser mais difícil do que defender uma revolução que passa não por sangue e lágrimas, mas por coração e alma? Essa palavra é tão ridícula para nós que mesmo os tradutores de Freud, admirador de Zweig, só muito raramente ousaram usá-la, substituindo-a modestamente por "psique". Aquilo é ! Ela continua sendo nosso espelho. E Zweig, esse "caçador de almas", como dizia Romain Rolland, não para de nos procurar.

"Stefan Zweig, o Europeu", edição especial da coleção "Uma vida, uma obra" do "Le Monde", 126 páginas, 9,50 euros.



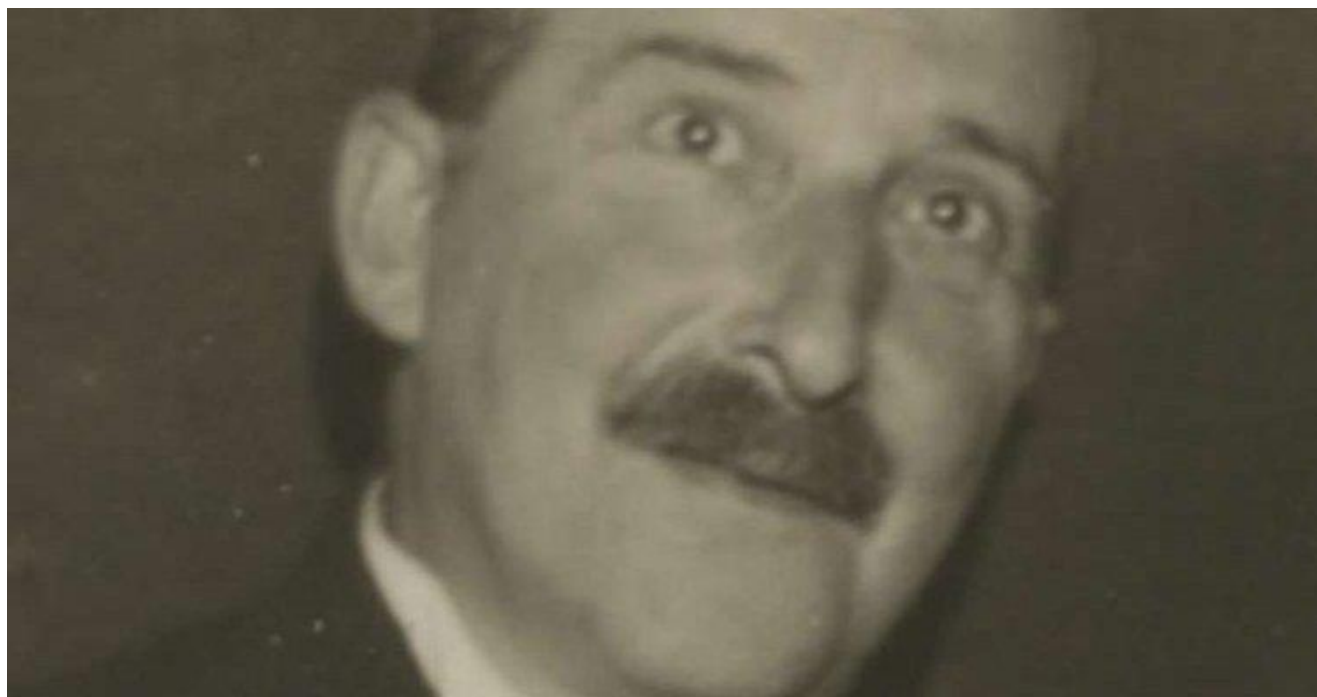
"Stefan Zweig, L'Européen", uma edição especial da coleção "Uma vida, uma obra" do "Mundo", 124 páginas, 9,50 euros.

*Pierre Deshusses (Colaborador do "Mundo dos Livros")*

# HÁ 80 ANOS, UM GRANDE EUROPEU COMETEU SUICÍDIO: STEFAN ZWEIG

23 de outubro

Fédéchoses, Robert Belot



Stefan Zweig / Créditos: Arquivo Nacional do Brasil

Compreendi melhor o drama que a Europa viveu em meados do século 20 visitando a casinha branca onde o grande escritor Stefan Zweig morreu há 80 anos. Está localizada em Petrópolis, uma pequena cidade verde brasileira que lembra a Áustria onde nasceu, a cerca de sessenta quilômetros do Rio de Janeiro. Este é o lugar onde ele se refugiou com a sua parceira.

Ele sonhava com uma Europa de humanismo e paz, mas foi a Europa do pior que o fez fugir, a Europa nazista, inimiga do pensamento livre, dos judeus e da cultura. Este homem, muito famoso no mundo como escritor e como figura moral, encontrou refúgio neste lugar modesto, longe de tudo o que amava, longe de seu sonho de uma Europa pacífica que ele clamava. Suicidou-se com a esposa em 22 de fevereiro de 1942. Tinha 60 anos e uma imensa obra atrás de si. A esperança o havia deixado. Na carta que escreveu antes de terminar a vida, lamenta "que (sua) pátria espiritual, a Europa, tenha se destruído". Este ano de 2022 ignorou quase completamente este aniversário, o que, no entanto, permite-nos apreciar melhor os progressos que foram feitos até hoje para que esta Europa renasça.

## O suicídio de Stefan Zweig durante a "destruição da Europa" pelo Holocausto

O pior, de fato, invadiu a Europa. O verão de 1942, há 80 anos, é um ponto de virada que anuncia o irreparável e o indizível: o processo de extermínio dos judeus da Europa começa a entrar em sua fase industrial. Na França, a deportação de judeus é organizada com a cumplicidade do governo de Vichy. 16 a 17 de julho de 1942: Captura de Vel'd'Hiv no coração de Paris. Pela primeira vez, crianças, mulheres, homens são presos em plena luz do dia pelo simples fato de terem nascido como são. O cartunista Cabu acaba de dedicar um livro a este evento: *Drawings from the Vel d'Hiv roundup*, que pode ser encontrado na exposição dedicada a ele no Memorial Shoah em Paris (julho-novembro de 2022). Este drama que ele previu e temeu, Zweig não verá.

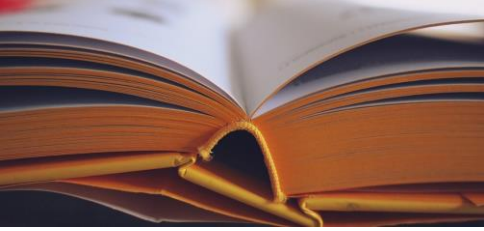
Um dia antes de seu suicídio, Zweig postou o manuscrito de uma magnífica live que apareceria em 1943 sob o título: *Le Monde d'hier. Memória de um europeu*. O escritor faz a dolorosa observação "que a Europa, nossa pátria, a pátria pela qual vivemos, foi destruída muito além de nossas próprias vidas". Embora se arrependa de ter mostrado a seus leitores mais sombra do que luz, ele termina com uma nota positiva: "Mas, na verdade, toda sombra não é também filha da luz?" Ao cometer suicídio, ele não verá essa luz e essa esperança renascer. Se tivesse sobrevivido, teria podido constatar com satisfação que uma das figuras que encarnam a Europa dos melhores e a Europa da cultura, para cuja reabilitação trabalhou nos anos 1930, tornou-se progressivamente o emblema do pós-guerra Europa: é Erasmus.

### Erasmus, fonte de inspiração para Zweig

Sabe-se que o escritor de Roterdão deu seu nome ao programa educacional e de pesquisa mais ambicioso da história do mundo ocidental. É um nome próprio e um acrônimo: "ERASMUS" (Esquema de Acção Europeu para a Mobilidade dos Estudantes Universitários). Concebido em meados da década de 1980, é o projeto mais popular, do qual os jovens são os principais beneficiários, o menos contestado e talvez o mais decisivo para a integração europeia. Mas tornou-se também a figura emblemática e a personificação da ideia europeia, dos seus valores, do seu horizonte de expectativa após as catástrofes materiais e espirituais que a Europa deu à luz e sofreu na primeira metade do século XX. É também uma aposta no poder da inteligência, da tolerância, do que Zweig chamou de "a promessa criativa" (tudo isso indo junto). É por isso que a primeira exposição que pontua o nascimento da Convenção Cultural Europeia, adotada em 19 de dezembro de 1954 em Paris, é dedicada ao autor de *L'Éloge de la folie* e, por meio dele, à "Europa humanista".

A biografia que Zweig dedica a Erasmus, um ano depois de Hitler chegar ao poder, é mais do que um ato de escrita. É uma mensagem política dirigida aos europeus, uma mensagem de advertência, um aviso. Ele quer mostrar a contemporaneidade e atualidade do que Erasmus transmitiu à "posteridade". Numa época marcada pela guerra de todos contra todos, o Rotterdamian, "em meio à desordem da guerra e da dissensão europeia", insinuava "uma futura humanização da humanidade" e a esperança do "triunfo de uma vida luminosa e razão equitativa sobre a vaidade egoísta das paixões".





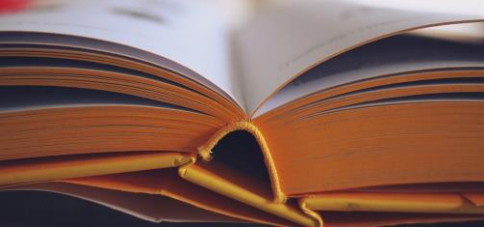
Zweig queria ser um novo Erasmus. O que ele diz do escritor renascentista poderia muito bem ser dito dele: "A época escolheu Erasmo como o porta-estandarte de suas novas idéias. Coloca-o acima de todos os outros porque é o antibárbaro, o inimigo da rotina, do tradicionalismo, o profeta de uma humanidade melhor, mais elevada, mais livre, o pioneiro do futuro internacionalismo.»

No entanto, a figura erasmiana nem sempre ocupou este lugar de atalaia da Europa para a cultura e a paz. Erasmus opõe-se a esta Europa que também se distinguiu por cultivar o equilíbrio do poder, a violência, a exclusão e a guerra. "Às artes da guerra, Erasmus oferece as da paz, à obediência dos súditos, o exercício da liberdade dos cidadãos", escreve Carlo Ossala em *Erasmus and Europe* (2014). Em 1515, Erasmus apelou pela paz em uma Europa em guerra. Seu livro é apropriadamente chamado: *La Complainte de la paix*. No cerne deste livro, uma pergunta. Por que os ingleses são inimigos dos franceses? O alemão dos franceses? O bretão do escocês? O espanhol do francês e do alemão? Por que há guerra permanente? Sua resposta: "a divisão surge de a diversidade superficial dos nomes de seu país". Queria ser um "cidadão do mundo" ("Ego mundi civis", escreveu em carta). No entanto, Erasmus viveu um longo purgatório memorial. Sua glória, como evidenciado pelos muitos retratos de pintores, foi breve. Por muito tempo foi apenas um nome. O século XIX não gostou de Erasmus, porque foi a época do surgimento das identidades nacionais, das "comunidades imaginadas" (Anne-Marie Thiesse) e do nacionalismo. Como disse o grande historiador Lucien Febvre, que dedicou um curso sobre a Europa à Libertação, as reivindicações nacionais "acendem o fogo nos quatro cantos da Europa" e, "cozinham seu ovinho mole" enquanto estão prontos para "incendiar todo o universo". O grande praeceptor mundi, que fala o latim universal, já não tem lugar no romantismo dominante, que se trata da "busca das raízes e das línguas dos povos" (Carlo Ossala).

Na sua biografia sobre o humanista publicada em 1935 na França (*Erasme. Grandeur et décadence d'une idée*), Stefan Zweig lamenta que este homem que recusou qualquer compromisso com o poder, que se esforçou para permanecer livre e independente, que foi abandonado morto, tenha não foi melhor servido pela história. É que "a história é injusta com os vencidos": "Não gosta muito de indivíduos comedidos, mediadores, conciliadores, homens com sentimentos humanitários. Seus favoritos são os apaixonados, os exaltados, os aventureiros ferozes do espírito e da ação": assim ela concedeu a esse servo silencioso da humanidade apenas um olhar quase desdenhoso...

## **Reabilitar Erasmus como "um chamado à civilização"**

É necessário, portanto, esperar pelo escritor Stefan Zweig para que o autor do *Elogio da Loucura* seja novamente visto como um chamado à civilização em um momento em que o fascismo e o nazismo lançam sua sombra fatal e letal sobre a Europa. "A desintoxicação moral da Europa" preconizada pelo humanista austríaco passa por um regresso aos fundamentos, a esta ideia de Europa que coincide, para Erasmo, com um cristianismo que deve considerar, para não trair o seu ideal original e evangélico, que sua "quintessência" é "paz e harmonia". O escritor de Rotterdam lutou, através das palavras, fanatismo, dogmatismo, guerra, para melhor defender o livre arbítrio



e a tolerância. Ele lamentou que a religião seja instrumentalizada como meio de poder e violência, reduzida a uma questão de poder. Em meados da década de 1930, Erasmus tornou-se um grito de alarme numa Europa à beira do precipício. E Stefan Zweig é seu porta-voz mais prestigioso, mas terrivelmente impotente. Acho que é por meio dessa biografia que Zweig expressa com mais clareza o pano de fundo de seu pensamento e como deveria ser a Europa.

A Europa com que sonhava o escritor austríaco tinha os traços de Erasmo, o homem que combateu o fanatismo e o dogmatismo em nome da liberdade de consciência. Daí o vínculo que ele estabelece entre "livre-arbítrio", tolerância e a "conquista moral". Para Erasmus, a civilização europeia deve primeiro ser autoconquista e não conquista militar através da qual se expressa a violência, a paixão e o desprezo pelos outros. Em vez da vontade de poder, ele defende o poder da vontade de alcançar o bem comum. Isso lhe rendeu um ódio feroz, alguns tomando-o por herege e apóstata. É por isso que ele aparece no Índice de 1559 promulgado por Paulo IV que proíbe a leitura de suas obras. É por isso que a biografia de Erasmus de Stefan Zweig está incluída na "lista Otto" de livros proibidos na França durante a ocupação alemã. Porque Zweig também foi perseguido por causa de suas origens e de sua luta contra ideologias que excluem, dividem e banem a liberdade de pensamento.

## **"Libertar a Europa do seio da Igreja"**

O autor pretende demonstrar que Erasmo foi um reformador corajoso (mas pouco compreendido) de sua própria religião. Zweig explica que o Renascimento segundo Erasmo visa libertar a Europa do seio da Igreja, para fazê-la experimentar novamente "o desejo de buscar a verdade nos caminhos do saber e do saber". A arma contra a barbárie é o conhecimento, é a cultura através da qual se pode escapar de dogmas beligerantes e mortíferos, através da qual se pode acessar, escreve ele, uma "humanidade melhor, mais elevada, mais livre". É um apelo por um novo humanismo baseado no tríptico: fraternidade, cultura, paz; "Qualquer homem que aspire à cultura e à civilização pode tornar-se um humanista: qualquer indivíduo, qualquer que seja a sua profissão, homem ou mulher, cavaleiro ou sacerdote, rei ou mercador, leigo ou clérigo, pode entrar nesta comunidade livre, ninguém pergunta a ninguém o que é sua raça, sua classe, sua nação, sua língua".

Quando a biografia de Erasmus de Zweig aparece, infelizmente, o oposto está se formando: hipernacionalismo, racismo, ódio, guerra, barbárie. Erasmus, "o primeiro combatente pacifista", o "mais eloquente defensor do ideal humanitário", será o remorso da Europa. Entendemos por que a Europa do pós-guerra retornou ao Erasmusismo. Ela encarna a cultura da liberdade de espírito que, segundo Zweig, é a essência do espírito europeu, a missão da Europa; escreve: "A Europa adquiriu o sentido de sua verdadeira missão: admitir a preponderância do espírito, construir uma civilização ocidental única, um modelo e uma cultura universal ativa". O escritor austríaco está na mesma linha do filósofo Edmund Husserl (1859-1938) que, em meados da década de 1930, pediu que pudéssemos repensar a Europa em sua "configuração cultural" "para redescobrir o valor ativo do "heroísmo de razão" e lutar contra o "cansaço", "o maior perigo para a Europa".



"Stefan Zweig pode ter pensado que estava derrotado tanto em 'fatos' quanto em ideias"

Esse cansaço acabou atingindo Stefan Zweig. Banido de uma Europa que já não reconhece, era-lhe insuportável que o ódio há muito revivesse "a ímpia tocha do fanatismo". Ele não verá a realização de seu sonho e o advento de uma "nova cultura europeia" que ele clamava, uma que não corresponda à " vaidade de uma nação", mas ao "bem-estar de toda a humanidade". Ele conhecia essa razão, "calmo, paciente, eterno, sabe esperar e perseverar"; "Chega a hora dele, sempre chega".

Em sua biografia, o austríaco reconheceu que Erasmus foi "derrotado no reino dos fatos". Mas a sua vitória "será ter literalmente aberto o caminho para a ideia humanitária", para o necessário combate, diz ele, à "desumanidade". Em 1942, o crime contra a humanidade entrou em sua fase operacional. E isso foi na Europa, no país que inventou Goethe e Kant. Naquele mês de fevereiro de 1942, Stefan Zweig talvez pensasse que estava derrotado tanto em "fatos" quanto em suas ideias, que a sombra da força seria mais forte que a luz da razão e concorda.

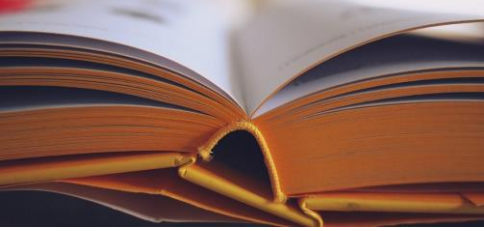
Na época do retorno da guerra na Europa, Érasme e Zweig devem ser lidos novamente porque sempre têm algo a nos dizer.

Este artigo encontra-se no número 194 de Fédéchoses - for federalism: <https://www.pressefederaliste.eu/-Numero-194-Septembre-2022->

### **Sobre o autor**

*Fedechoses — pour le federalisme, revista criada no início da década de 1970, sempre quis ser uma resenha do amplo debate federalista.*

*Robert Belot -Historiador e acadêmico, cadeira Jean Monnet EUPOPA na Universidade de Saint-Étienne*



Stefan Zweig, o biógrafo intelectual da Europa do século XX.

## Stefan Zweig, o intelectual que se suicidou por amor à Europa, revive 'seu mundo hoje' em Málaga

*Até sexta-feira, o Centro Cultural La Malagueta recebe uma conferência monográfica sobre o autor de *Stellar Moments of Humanity* e *Letter from an Unknown Woman*, no 80º aniversário de sua morte.*

5 de outubro de 2022

Por que o nome de **Stefan Zweig** ainda tem vida própria 80 anos após sua morte? A resposta, como no teatro, se dá em três atos: por sua certeza, por sua persistência e por sua presença. Este [intelectual](#) judeu, rico vienense e figura chave na história cultural da Europa do século XX, representa o espírito labiríntico necessário num **contexto destinado a repetir-se**.

Nas palavras do escritor e gestor cultural **Alfredo Taján**, é hora de relembrar uma obra e um personagem que "marcou uma história". Esse é o objetivo perseguido por *Stefan Zweig no mundo de hoje* conferências culturais, uma monografia que hospeda o [Centro Cultural La Malagueta](#) até a próxima sexta-feira.

Durante a sessão de abertura, Taján destacou os dois aniversários que mais uma vez colocaram o autor de *Stellar Moments of Humanity* em destaque. Por um lado, o centenário da publicação de **sua obra mais popular**: *Carta de uma mulher*



*desconhecida* . Embora não tenha sido inicialmente um dos títulos mais vendidos, sua transferência para a tela grande em 1948 (dirigido por Max Ophüls e com uma atuação prodigiosa de Joan Fontaine) colocou no mapa uma criação indispensável de Zweig.

O outro grande marco comemorado corresponde ao **seu suicídio em Petrópolis** (Brasil) em 1948, junto com sua segunda esposa, Lotte. Na noite de 20 para 21 de fevereiro, eles terminaram suas vidas na vila de Pedro II, o último monarca do Império brasileiro. A cena foi capturada no dia seguinte pelas câmeras e a fotografia dos dois cadáveres abraçados tornou-se manchete em todo o mundo. Até nos jornais de uma Alemanha nazista que repudiava o intelectual austríaco.

Junto com os corpos e os restos mortais de veronal, uma nota manuscrita que dizia: "Envio saudações a todos os meus amigos. Espero que eles vivam para ver o nascer do sol depois desta longa noite. Eu, que sou muito impaciente, saio antes deles". O motivo? Zweig não suportava **ver uma Europa "se autodestruindo"** .

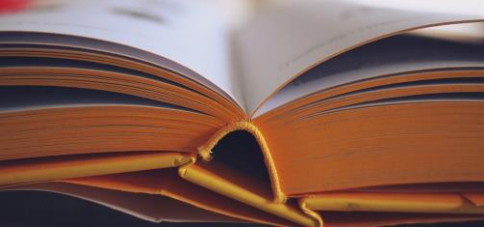


Stefan e Lotte estão deitados na cama depois de cometerem suicídio.

"Bastaram essas coincidências para voltarmos a ele, **um ativista da paz em uma sociedade dilacerada pelo triunfo da desrazão** ", destacou Taján, enfatizando a influência de sua literatura e correspondência com escritores e políticos da época.

**Biógrafo** por excelência (gênero no qual foi "um mestre que acrescentou psicologia à história), Stefan desenvolveu sua faceta multidisciplinar entre o romance (prolix, exato e imediato), as *nouvelles* (contos), poesia, dramaturgia, ensaio, memória ...

[ [Stefan Zweig, A History of Total Europe: Reunindo todas as suas biografias de figuras históricas](#) ]



Taján definiu Zweig como um **pacifista controverso**, um homem atormentado que não suportava fanatismo e ignorância. Seus leitores "o amavam tanto quanto o odiavam" por seu caráter taciturno e solidão; seus silêncios que diziam tudo: "Com seu suicídio, a Gestapo perdeu um homem esperto. Ele fez isso (o trabalho) para eles."

Da mesma forma, sustenta que **o seu sucesso comercial gravita na versatilidade** dos temas que aborda e na sua erudição, sendo especialmente brilhante a sua produção biográfica (*Emile Verhaeren*; *Fouché, o gênio sombrio*, *Maria Antonieta*, *Erasmus de Roterdão*, *Romain Rolland* ou *Balzac: o romance de uma vida*).

"Eu me pergunto **se ele teria se matado novamente** neste momento menos que estelar," ele comentou em voz alta. Questão viciada em um mundo em que a existência se vende, a saúde "rachaduras" e as democracias sofrem "tantas queixas": "A Europa continua sendo atacada pelos flancos".

Sem Fronteiras

Embora não pudesse estar presente por motivos de saúde, **Mauricio Wiesenthal** (escritor cult e autor de obras como *Libro de réquiems* ou *El snobbismo de las golondrinas*) enviou um texto em que lembrava o quanto Zweig marcou sua juventude: "Eu identifiquei tanto que o segui pelas cidades que eram dele e agora fiz a minha".

Viena, Londres, Paris, Bath, Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro e Petrópolis. "Em todos eles, **seu fantasma me cumprimentou**, tirando o chapéu-coco enquanto ele se ajoelhava para mim. Meus amigos não acreditam em mim, mas eu o vi andando no Café Central ou em sua elegante mansão em Salzburgo, ouvindo a Mozart e cantarolando operetas de Strauss".

Para concluir, Wiesenthal advertiu os presentes que, se em algum momento você encontrar um homem de bigode escandaloso, fique alerta: "É Stefan. Cumprimente-o e diga que **ele me ensinou a viajar sem fronteiras**, ou ideologias totalitárias e uma parada para conhecer outras culturas. Sem temer as raças do mundo. Ao contrário, tentar entendê-las todas. Não é preciso temer misturar, mas incorporá-las na bagagem de cada um. Chama-se dom das pessoas".